



PROCESSO SELETIVO À MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNA 2018 – MOBILIN 2018

EDITAL Nº 1 – COPERPS, DE 08 DE JANEIRO DE 2018

18 de fevereiro de 2018

BOLETIM DE QUESTÕES

Nome: _____ Nº de Inscrição: _____

ÁREA IV – CIÊNCIAS DAS HUMANIDADES II

**Ciências Sociais; Direito; Filosofia; Educação Física; Geografia;
Geoprocessamento; História; Pedagogia; Psicologia e Serviço Social.**

LEIA COM MUITA ATENÇÃO AS INSTRUÇÕES SEGUINTE.

- 1 Confira se o Boletim que você recebeu corresponde ao curso ao qual você está inscrito, conforme consta no seu cartão de inscrição e cartão resposta. Caso contrário comunique ao fiscal de sala.
- 2 Este Boletim contém a PROVA OBJETIVA.
- 3 O Boletim de Questões consistirá de 40 (quarenta) questões de múltipla escolha, sendo 8 (oito) questões de Língua Portuguesa, 8 (oito) questões de História, 8 (oito) questões de Geografia, 8 (oito) questões de Filosofia e 8 (oito) questões de Sociologia. Cada questão objetiva apresenta 5 (cinco) alternativas. Identificadas por (A), (B), (C), (D) e (E), das quais apenas uma é correta.
- 4 Confira se, além deste Boletim, você recebeu o Cartão-Resposta, destinado à marcação das respostas das questões objetivas.
- 5 É necessário conferir se a prova está completa e sem falhas, bem como se seu nome e o número de sua inscrição conferem com os dados contidos no Cartão-Resposta. Em caso de divergência, comunique imediatamente o fiscal de sala.
- 6 O Cartão-Resposta só será substituído se nele for constatado falha de impressão.
- 7 Será de exclusiva responsabilidade do candidato a certificação de que o Cartão-Resposta que lhe for entregue no dia da prova é realmente o seu. Não deverá ser dobrado, amassado, rasurado, manchado ou danificado de qualquer modo.
- 8 Após a conferência, assine seu nome no espaço próprio do Cartão-Resposta.
- 9 No Cartão-Resposta não serão computadas as questões cujas alternativas estiverem sem marcação, com marcação a lápis (grafite), com mais de uma alternativa marcada e aquelas que contiverem qualquer espécie de corretivo sobre as alternativas.
- 10 A marcação do Cartão-Resposta deve ser feita com caneta esferográfica de tinta preta ou azul.
- 11 O Cartão-Resposta será o único documento considerado para a correção. O Boletim de Questões deve ser usado apenas como rascunho e não valerá, sob hipótese alguma, para efeito de correção.
- 12 O tempo disponível para esta prova é de três horas, com início às 14 horas e término às 17 horas, observado o horário de Belém/PA.
- 13 O candidato deverá permanecer obrigatoriamente no local de realização da prova por, no mínimo, uma hora após o início da prova.
- 14 Ao terminar a prova, o candidato deverá entregar ao fiscal de sala o Boletim de Questões e o Cartão-Resposta, e assinar a lista de presença.
- 15 Após às 16h30min o candidato poderá solicitar ao fiscal levar este Boletim de Questões.



MARQUE A ÚNICA ALTERNATIVA CORRETA NAS QUESTÕES DE 1 A 40.

LÍNGUA PORTUGUESA

A QUESTÃO DA NATUREZA HUMANA

1 Ao longo das últimas décadas, a concepção de Dalai-Lama da natureza compassiva dos seres
2 humanos parece estar aos poucos ganhando terreno no Ocidente, embora tenha sido uma luta árdua. A
3 noção de que o comportamento humano é essencialmente egocêntrico, de que no fundo é mesmo cada
4 um por si, está profundamente enraizada no pensamento ocidental. A ideia de que não só somos
5 inerentemente egoístas, mas também que a agressividade e a hostilidade fazem parte da natureza humana
6 essencial domina nossa cultura há séculos. Naturalmente, ao longo da história houve um bom número de
7 pessoas com opinião contrária. Por exemplo, em meados do século XVIII, David Hume escreveu sobre a
8 “benevolência natural” dos seres humanos. E um século depois, até mesmo Charles Darwin atribuiu um
9 “instinto de solidariedade” à nossa espécie. No entanto, por algum motivo, a visão mais pessimista da
10 humanidade está arraigada na nossa cultura, pelo menos desde o século XVII, sob a influência de filósofos
11 como Thomas Hobbes, que tinha uma opinião bastante negativa da espécie humana. Ele considerava a
12 humanidade violenta, competitiva, em constante conflito e preocupada apenas com interesses pessoais.
13 Hobbes, que era famoso por descartar qualquer ideia de uma bondade humana essencial, foi uma vez
14 flagrado dando esmola a um mendigo na rua. Quando questionado a respeito desse impulso generoso, ele
15 alegou não estar fazendo aquilo para ajudar o mendigo; estava só aliviando sua própria consternação
16 diante da pobreza do homem.

17 Depois de aceitar a premissa do nosso egocentrismo essencial, uma série de cientistas proeminentes,
18 ao longo dos últimos cem anos, acrescentou a ela uma crença na natureza agressiva essencial dos
19 humanos. Freud afirmou que “a inclinação à agressividade é uma disposição original, instintiva e que
20 subsiste por seus próprios meios”. Na segunda metade do século passado, os pesquisadores Robert
21 Ardrey e Konrad Lorenz observaram padrões de comportamento animal em certas espécies de predadores
22 e concluíram que os seres humanos eram basicamente predadores também, providos de um impulso inato
23 ou instintivo para lutar por território.

24 Nos últimos anos, porém, a maré parece estar se voltando contra essa visão profundamente pessimista
25 da humanidade, aproximando-se mais da percepção do Dalai-Lama da brandura e da compaixão da nossa
26 natureza latente. Ao longo das duas ou três últimas décadas do século passado, houve literalmente
27 centenas de estudos científicos que indicaram que a agressividade não é essencialmente inata e que o
28 comportamento violento é influenciado por uma variedade de fatores biológicos, sociais, situacionais e
29 ambientais. Talvez a declaração mais abrangente sobre as pesquisas mais recentes esteja resumida na
30 Declaração sobre a Violência de Sevilha, de 1986, que foi redigida e firmada por vinte cientistas de renome,
31 do mundo. Nesse texto, eles naturalmente reconheceram que o comportamento violento ocorre, sim, mas
32 afirmaram categoricamente que é incorreto em termos científicos dizer que temos uma tendência herdada
33 para entrar em guerras ou para agir com violência. Esse comportamento não está programado
34 geneticamente na natureza humana. Disseram que, apesar de termos um sistema neural necessário para
35 agir com violência, esse comportamento em si não é ativado de modo automático. Ao examinar o tema da
36 natureza humana essencial, a maioria dos pesquisadores do campo percebe atualmente que no fundo
37 temos um potencial para nos tornarmos pessoas serenas, atenciosas, ou pessoas violentas, agressivas.
38 O impulso que acaba sendo realçado é em grande parte uma questão de treinamento.

39 Pesquisadores contemporâneos refutam a ideia da agressividade inata da humanidade. Não só isso,
40 mas a ideia de que os seres humanos têm um egoísmo inato também está sofrendo ataque. Estudiosos
41 como C. Daniel Batson ou Nancy Eisenberg, da Arizona State University, realizaram numerosas pesquisas
42 que demonstraram que os seres humanos têm uma tendência ao comportamento altruísta. Também a dra.
43 Wilson, ao examinar cem catástrofes naturais, descobriu forte padrão de altruísmo entre as vítimas, que
44 pareciam fazer parte do processo de recuperação. Descobriu que o trabalho conjunto para ajudar uns aos
45 outros costumava afastar a possibilidade de problemas psicológicos no futuro.

46 Tomar a iniciativa de ajudar os outros pode ser tão essencial à nossa natureza quanto a comunicação.
47 Seria possível traçar uma analogia com o desenvolvimento da linguagem que, à semelhança da
48 capacidade para a compaixão e o altruísmo, é uma das características da espécie humana. Determinadas
49 áreas do cérebro são especialmente devotadas ao potencial para a linguagem. Se formos expostos às
50 condições ambientais adequadas, ou seja, a uma sociedade que fala, essas áreas distintas do cérebro
51 começam a se desenvolver e a amadurecer à medida que nossa capacidade para a linguagem for
52 crescendo. Da mesma forma, todos os seres humanos podem ter como dom natural a “semente da
53 compaixão”. Quando expostas às condições adequadas – em casa, na sociedade como um todo e, mais
54 tarde, por meio dos nossos próprios esforços direcionados – essa “semente” vicejará. Com essa ideia na
55 mente, pesquisadores estão agora procurando descobrir as condições ambientais ótimas que permitam
56 que a semente da atenção e compaixão pelos outros amadureça em crianças. Já identificaram alguns



57 fatores: ter pais capazes de moderar suas próprias emoções, que sejam modelos de comportamento
58 atencioso, que estabeleçam limites adequados para o comportamento dos filhos, que comuniquem à
59 criança que ela é responsável pelo seu próprio comportamento e que usem a argumentação para ajudar a
60 direcionar a atenção da criança para estados emocionais ou afetivos bem como para as consequências do
61 seu comportamento sobre os outros.

(SUA SANTIDADE O DALAI-LAMA; CUTTLER, C. A arte da felicidade: um manual para a vida. Trad. Waldéa Barcelos. São Paulo: Martins Fontes, 2002). Adaptado.

- 1** Sobre a intenção do texto “A questão da natureza humana” e as ideias que nele se discutem acerca do comportamento do ser humano, compreende-se que
- (A) o texto tem o propósito de fazer uma crítica, ainda que velada, ao conhecimento construído pela cultura ocidental.
 - (B) a tese de que o homem é profundamente egoísta, como bem exemplifica o pensamento de Thomas Hobbes (filósofo do século XVII), mostrou-se uníssona no mundo ocidental até recentemente (século passado).
 - (C) o conhecimento dos monges budistas, representados por Dalai-Lama, porque não baseado em experimentos científicos, tem contribuído em menor escala para o conhecimento da natureza humana.
 - (D) a ciência tem percebido, no campo da pesquisa sobre a neurofisiologia humana, um potencial tanto para brandura e compaixão como para a agressividade, que é definido conforme os impulsos exteriores condicionantes.
 - (E) existem, conforme o texto, alguns comportamentos sociais dos seres humanos que são programados geneticamente na natureza humana.
- 2** Em textos em que se discutem conceitos e se argumentam sobre ideias, é um procedimento usual recorrer à exemplificação com dados concretos do mundo que dão sustentação ao que se afirma. Esse procedimento é o que se apresenta na alternativa
- (A) “A ideia de que não somos inerentemente egoístas, mas de que a agressividade e a hostilidade fazem parte da natureza humana essencial domina nossa cultura há séculos.” (linhas 4 a 6)
 - (B) “No entanto, por algum motivo, a visão mais pessimista da humanidade está arraigada na nossa cultura, pelo menos desde o século XVII, sob a influência de filósofos como Thomas Hobbes.” (linhas 9 a 11)
 - (C) “Depois de aceitar a premissa do nosso egocentrismo essencial, uma série de cientistas proeminentes, ao longo dos últimos cem anos, acrescentou a ela uma crença na natureza agressiva essencial dos humanos.” (linhas 17 a 19)
 - (D) “Freud afirmou que ‘a inclinação à agressividade é uma disposição original, instintiva e que subsiste por seus próprios meios’.” (linhas 19 e 20)
 - (E) “Na segunda metade do século passado, os pesquisadores Robert Ardrey e Konrad Lorenz observaram padrões de comportamento animal em certas espécies de predadores e concluíram que os seres humanos eram basicamente predadores também.” (linhas 20 a 22)
- 3** As metáforas são recursos não só do domínio literário, mas também empregadas na elaboração de texto dissertativo-argumentativo, como um meio de contribuir para que as ideias tenham força de representação. No texto “A questão da natureza humana”, para expressar uma tendência atual a rever o pensamento ocidental sobre a essência humana, faz-se uso da metáfora no trecho:
- (A) “A ideia de que não só somos inerentemente egoístas, mas também que a agressividade e a hostilidade fazem parte da natureza humana essencial domina nossa cultura há séculos. Naturalmente, ao longo da história houve um bom número de pessoas com opinião contrária.” (linhas 4 a 7)
 - (B) “Nos últimos anos, porém, a maré parece estar se voltando contra essa visão profundamente pessimista da humanidade, aproximando-se mais da percepção do Dalai-Lama da brandura e da compaixão da nossa natureza latente.” (linhas 24 a 26)
 - (C) “Ao longo das duas ou três últimas décadas do século passado, houve literalmente centenas de estudos científicos que indicaram que a agressividade não é essencialmente inata e que o comportamento violento é influenciado por uma variedade de fatores biológicos, sociais, situacionais e ambientais.” (linhas 26 a 29)
 - (D) “Estudiosos como C. Daniel Batson ou Nancy Eisenberg, da Arizona State University, realizaram numerosas pesquisas que demonstraram que os seres humanos têm uma tendência ao comportamento altruísta.” (linhas 40 a 42)
 - (E) “Também a dra. Wilson, ao examinar cem catástrofes naturais, descobriu forte padrão de altruísmo entre as vítimas [...]. Descobriu que o trabalho conjunto para ajudar uns aos outros costumava afastar a possibilidade de problemas psicológicos no futuro.” (linhas 42 a 45).



- 4 Na construção de um texto expositivo-argumentativo, é natural que se apresente **contraposição de ideias**, como se vê no texto “A questão da natureza humana”. Exemplificam a ocorrência desse tipo de relação semântico-discursiva os segmentos transcritos abaixo, **exceto** o que se transcreve na alternativa
- (A) “A ideia de que não só somos inerentemente egoístas, mas também que a agressividade e a hostilidade fazem parte da natureza humana essencial domina nossa cultura há séculos.” (linhas 4 a 6)
- (B) “E um século depois, até mesmo Charles Darwin atribuiu um ‘instinto de solidariedade’ à nossa espécie. No entanto, por algum motivo, a visão mais pessimista da humanidade está arraigada na nossa cultura (...).” (linhas 8 a 10)
- (C) “Nos últimos anos, porém, a maré parece estar se voltando contra essa visão profundamente pessimista da humanidade...”. (linhas 24 e 25)
- (D) “Nesse texto, eles naturalmente reconheceram que o comportamento violento ocorre, sim, mas afirmaram categoricamente que é incorreto em termos científicos dizer que temos uma tendência herdada para entrar em guerras ou para agir com violência.” (linhas 31 a 33)
- (E) “Disseram que, apesar de termos um sistema neural necessário para agir com violência, esse comportamento em si não é ativado de modo automático.” (linhas 34 e 35)
- 5 O enunciado em que, pelo emprego de um modalizador, é feita uma afirmação categórica sobre a natureza humana é:
- (A) “A noção de que o comportamento humano é essencialmente egocêntrico, de que no fundo é mesmo cada um por si, está profundamente enraizada no pensamento ocidental.” (linhas 2 a 4)
- (B) “Naturalmente, ao longo da história houve um bom número de pessoas com opinião contrária. Por exemplo, em meados do século XVIII, David Hume escreveu sobre a ‘benevolência natural’ dos seres humanos”. (linhas 6 a 8).
- (C) “No entanto, por algum motivo, a visão mais pessimista da humanidade está arraigada na nossa cultura, pelo menos desde o século XVII, sob a influência de filósofos como Thomas Hobbes.” (linhas 9 a 11)
- (D) “Ele [Thomas Hobbes] considerava a humanidade violenta, competitiva, em constante conflito e preocupada apenas com interesses pessoais.” (linhas 11 e 12)
- (E) “Pesquisadores contemporâneos refutam a ideia da agressividade inata da humanidade. Não só isso, mas a ideia de que os seres humanos têm um egoísmo inato também está sofrendo ataque.” (linhas 39 e 40)
- 6 Quanto ao emprego dos sinais de pontuação, é **incorreto** afirmar:
- (A) Em “(...) David Hume escreveu sobre a ‘benevolência natural’ dos seres humanos. E um século depois, até mesmo Charles Darwin atribuiu um ‘instinto de solidariedade’ à nossa espécie.”, as aspas (simples) colocam em destaque a percepção de estudiosos sobre a natureza humana. (linhas 7 a 9)
- (B) Em “Hobbes, que era famoso por descartar qualquer ideia de uma bondade humana essencial, foi uma vez flagrado dando esmola a um mendigo na rua. Quando questionado a respeito desse impulso generoso, ele alegou não estar fazendo aquilo para ajudar o mendigo; estava só aliviando sua própria consternação diante da pobreza do homem.”, as duas primeiras vírgulas separam uma expressão de valor explicativo, que concorre para facilitar acesso a informações do texto. (linhas 13 a 16)
- (C) No trecho, “Nos últimos anos, porém, a maré parece estar se voltando contra essa visão profundamente pessimista da humanidade, aproximando-se mais da percepção do Dalai-Lama da brandura e da compaixão da nossa natureza latente”, seria também gramaticalmente correto usar ponto (em lugar da vírgula) após a palavra “humanidade”. (linhas 24 a 26)
- (D) No trecho, “Disseram que, apesar de termos um sistema neural necessário para agir com violência, esse comportamento em si não é ativado de modo automático”, a vírgula é necessária por indicar o deslocamento de um termo dentro da frase. (linhas 34 e 35)
- (E) Expressões como “ou seja” anunciam uma explicação, por isso aparecem seguidas de pausa na fala e, consequentemente, de vírgula na escrita, como se confirma pelo trecho “Determinadas áreas do cérebro são especialmente devotadas ao potencial para a linguagem. Se formos expostos às condições ambientais adequadas, ou seja, a uma sociedade que fala, essas áreas distintas do cérebro começam a se desenvolver e a amadurecer à medida que nossa capacidade para a linguagem for crescendo”. (linhas 48 a 52)



- 7 A alternativa em que a omissão da(s) vírgula(s) determinaria ambiguidade no sentido do enunciado é
- (A) “Ao longo das últimas décadas, a concepção de Dalai-Lama da natureza compassiva dos seres humanos parece estar aos poucos ganhando terreno no Ocidente (...)” (linhas 1 e 2)
- (B) “Depois de aceitar a premissa do nosso egocentrismo essencial, uma série de cientistas proeminentes, ao longo dos últimos cem anos, acrescentou a ela uma crença na natureza agressiva essencial dos humanos.” (linhas 17 a 19)
- (C) “Na segunda metade do século passado, os pesquisadores Robert Ardrey e Konrad Lorenz observaram padrões de comportamento animal em certas espécies de predadores e concluíram que os seres humanos eram basicamente predadores.” (linhas 20 a 22)
- (D) “Nesse texto, eles naturalmente reconheceram que o comportamento violento ocorre, sim, mas afirmaram categoricamente que é incorreto em termos científicos dizer que temos uma tendência herdada para entrar em guerras ou para agir com violência.” (linhas 31 a 33)
- (E) “Com essa ideia na mente, pesquisadores estão agora procurando descobrir as condições ambientais ótimas que permitam que a semente da atenção e compaixão pelos outros amadureça em crianças.” (linhas 54 a 56)
- 8 O trecho em cuja reescritura se apresenta outra possibilidade de concordância verbal, também de acordo com a norma culta da língua portuguesa, é o da alternativa
- (A) “A ideia de que não só somos inerentemente egoístas, mas também que a agressividade e a hostilidade fazem parte da natureza humana essencial domina nossa cultura há séculos.” – A ideia de que não só somos inerentemente egoístas, mas também que a agressividade e a hostilidade fazem parte da natureza humana essencial domina nossa cultura **fazem séculos**. (linhas 4 a 6)
- (B) “Depois de aceitar a premissa do nosso egocentrismo essencial, uma série de cientistas proeminentes, ao longo dos últimos cem anos, acrescentou a ela uma crença na natureza agressiva essencial dos humanos.” – Depois de **aceitarem** a premissa do nosso egocentrismo essencial, **uma série de cientistas** proeminentes, ao longo dos últimos cem anos, acrescentaram a ela uma crença na natureza agressiva essencial dos humanos. (linhas 17 a 19)
- (C) “Ao longo das duas ou três últimas décadas do século passado, houve literalmente centenas de estudos científicos que indicaram que a agressividade não é essencialmente inata (...)” – Ao longo das duas ou três últimas décadas do século passado, **surgiu literalmente centenas de estudos científicos** que indicaram que a agressividade não é essencialmente inata (...). (linhas 26 e 27)
- (D) “Estudiosos como C. Daniel Batson ou Nancy Eisenberg, da Arizona State University, realizaram numerosas pesquisas que demonstraram que os seres humanos têm uma tendência ao comportamento altruísta.” – Estudiosos como C. Daniel Batson ou Nancy Eisenberg, da Arizona State University, realizaram numerosas pesquisas que demonstraram que **os seres humanos dispõe** de uma tendência ao comportamento altruísta. (linhas 40 a 42)
- (E) “Com essa ideia na mente, pesquisadores estão agora procurando descobrir as condições ambientais ótimas que permitam que a semente da atenção e compaixão pelos outros amadureça em crianças.” – Com essa ideia na mente, pesquisadores estão agora procurando descobrir as condições ambientais ótimas que permitam que **a semente da atenção e compaixão pelos outros amadureçam** em crianças. (linhas 54 a 56)



HISTÓRIA

- 9** O termo "féodal" é antigo em línguas latinas. Em português, segundo o *dicionário Houaiss*, ele teria nascido tardiamente, em 1813, mas sua raiz "feudo" datava do século XIV, significando "terra ou direito, renda concedidos por um senhor a um vassalo em troca de serviços". No século XVIII, Adam Smith – procurando descrever sistemas econômicos – cunhou as formas "governo feudal" e "sistema feudal" em seu livro *Riqueza das Nações* (1776). No século XIX, o adjetivo "feudal" evoluiu para um substantivo: "feudalismo". O termo feudalismo é recente, aparecendo pela primeira vez em português em 1821, em francês em 1823, italiano em 1827, inglês em 1839 e em alemão na segunda metade do século XIX.

Nesta trajetória histórica, a palavra "feudo" transformou-se para "feudal" e finalmente para "feudalismo". Todo este percurso histórico das três palavras construiu uma representação de um mundo feudal que se transformou de um(uma)

- (A) governo de senhores feudais geradores de riquezas econômicas para modelo de exploração escravista dos servos.
- (B) sistema econômico e exploratório dos servos para um sistema capitalista, em que ainda hoje impera o trabalho livre, mesmo que limitado.
- (C) forma de trabalho exploratório servil da terra e sua renda concedidos por um senhor feudal a seus vassalos para torna comunal e proletária.
- (D) forma de trabalho semiescravista (de vassalagem) para outra de trabalho livre e socializado (riqueza das Nações).
- (E) direito à terra com relações de suserania e vassalagem para o significado de sistema de exploração do trabalho servil.

- 10** Leia o verbete sobre Jean Bossuet na *Enciclopédia Britânica* e responda à questão proposta sobre a teoria do absolutismo na França moderna.

Jacques-Bénigne Bossuet (*1627, Dijon, + 1704, Paris), bispo francês, foi o mais eloquente e influente porta-voz dos direitos da igreja francesa contra a autoridade papal. É lembrado principalmente por suas obras literárias, e por seu fundamental livro dedicado à educação do futuro rei sol. (...) Em 1670 foi nomeado como tutor do delfim, o filho mais velho do rei francês. Bossuet encontrou assim tempo para publicar uma obra contra o protestantismo e para instruir religiosa e moralmente ao delfim. É desta época o surgimento de seu principal trabalho político, a *Política extraída da Sagrada Escritura*, que usa a Bíblia como prova da autoridade divina para o poder dos reis. Com ela, Bossuet ganhou reputação como um grande teórico do absolutismo real.

(Texto adaptado e traduzido. Retirado da Enciclopédia Britânica on line.

Link <https://www.britannica.com/biography/Jacques-Benigne-Bossuet>. Acessado em 31.11.2017).

De acordo com o trecho acima e conforme o que se conhece sobre o assunto, a teoria pensada por Bossuet ganhou grande reputação, porque ela foi escrita por um pensador

- (A) atrelado à igreja católica (Bossuet era bispo), que foi nomeado tutor do Delfim (o rei sol), criando assim condições para justificar sacramente o poder divino do rei sol.
- (B) bispo, mas funcionário régio, que foi contratado pelo rei absolutista para criar seu filho (o Delfim) e escrever um livro elogioso sobre o poder do rei que era maior do que o do Deus.
- (C) ligado à burocracia eclesiástica e temporal (régia), que optou por ser um pensador que valorizava o poder mundano e régio em detrimento do poder da igreja (divino).
- (D) libertário e independente, que escrevia sobre o rei do ponto de vista de um livre pensador ilustrado e iluminista.
- (E) já idoso, que desistiu de ser bispo para se tornar educador do novo rei sol e assim garantir o poder do rei sobre a supremacia da igreja romana, que diminuía a igreja francesa.



11 Sobre a bíblia e seu papel na Revolução Inglesa de 1640, escreveu o historiador Christopher Hill:

“Meu objetivo neste livro [A *Bíblia Inglesa e as revoluções do século XVII*] é tentar entender o papel desempenhado pela *Bíblia* na vida dos homens e das mulheres da Inglaterra revolucionária do século XVII. A introdução à *Bíblia* de 1603 (...) nos convida a lembrar que as escrituras contêm assuntos concernentes às nações e aos governos, ao bem e ao mal, à prosperidade e às pragas, à paz e à guerra, à ordem e à desordem. Elas abrangem a vida de todos os homens, ricos e pobres...”

(Christopher Hill. *A bíblia inglesa e as revoluções do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 9).

Pelo trecho acima e com base no que se conhece sobre a revolução inglesa do século XVII, compreende-se que nela a Bíblia significou principalmente um instrumento de

- (A) certezas absolutas, em que o poder divino do rei inglês foi mantido e sustentado ideologicamente.
- (B) afirmação da supremacia do poder do rei sobre o parlamento e sobre as nações e governos, reafirmando a monarquia absolutista.
- (C) lutas políticas e sociais, servindo de base para diferentes propostas de mudanças políticas (radicais ou não) que levaram à Revolução Inglesa de 1640.
- (D) modelo para radicais, sobretudo comunistas que leram nela motivações para suas propostas de derrubada da monarquia britânica.
- (E) exemplo de campo de conflito entre absolutistas e constitucionalistas liberais, que abriu caminho para a Revolução Inglesa, uma revolução burguesa clássica.

12 Leia um trecho do verbete “Caraíba”, retirado do *Dicionário do Brasil colonial*, e responda à questão sobre a cultura e sociedade indígena de tradição tupinambá nos tempos da conquista portuguesa da América.

Na crônica quinhentista a palavra ‘*caraíba*’ aparece muitas vezes como o nome pelo qual os índios tupis do litoral denominaram inicialmente os brancos portugueses (...) Posteriormente os jesuítas, ao menos no início, foram chamados pelos índios de *caraibas*. Assim os nativos associavam os recém-chegados aos personagens de sua própria cultura aos quais atribuíram poderes extraordinários, sendo capazes de se comunicarem com o mundo dos mortos e os espíritos ancestrais. Eram pajés-açus, ou pajés grandes. Apesar do exagero no poder desfrutado pelos *caraibas* na cultura tupi, visto que estes nunca foram “reis divinos”, esta associação foi importante no processo de dominação colonial, sendo usada depois pelos próprios jesuítas que se faziam passar por *caraibas*, imitando o seu estilo, e dizendo-se mais poderosos do que eles.

(Texto adaptado. Retirado de Ronaldo Vainfas. “Caraibas”. *Dicionário do Brasil colonial*. São Paulo: Editora Objetiva, 2000, pp. 94-95).

O trecho recupera uma relação entre a cultura indígena de tradição tupinambá e o processo de dominação e catequese português e jesuítico sobre estes indígenas. Nesta relação, os jesuítas se autocaracterizavam como

- (A) membros *caraibas* e iguais aos tupinambás, utilizando desta associação para melhor dominar e escravizar os povos indígenas do litoral colonial, modificando sua cultura e língua de dentro para fora.
- (B) superiores ou “concorrentes” aos *caraibas* indígenas, aproveitando-se de “confusão” tupinambá inicial para fortalecer o poder religioso e régio sobre esta população indígena litorânea, utilizando-se de seu trabalho.
- (C) inferiores aos tupinambás no começo da conquista para depois se fortalecerem sorrateiramente e escravizarem os povos indígenas litorâneos, utilizando-se inclusive para a conquista de outros povos interioranos.
- (D) iguais aos *caraibas* tupinambás, numa comparação que servia de base para a dominação, já que os jesuítas os obrigaram a falar o português e introduziram o catolicismo na cultura indígena, escravizando-os.
- (E) superiores aos pajés ou *caraibas* indígenas, que foram ironicamente desacreditados desde o início da conquista e seu exemplo serviu de base para os jesuítas destruírem a língua e cultura tupinambá.



13 Leia o trecho abaixo que trata da história da cartografia no Brasil e responda à questão proposta.

“A cartografia brasileira originou-se a partir da cartografia portuguesa desenvolvida no século XVI, no período das Grandes Navegações. Devido à necessidade de elaboração de mapas das rotas de navegação, de cuja precisão dependia o sucesso das expedições, houve uma intensa produção de mapas. (...) No início do século XVII, grande parte da Amazônia foi mapeada pelos portugueses. (...) Aos poucos, a costa [litorânea do atual Brasil] foi sendo conhecida e ocupada, e as preocupações náuticas foram cedendo e dando lugar à expansão territorial de interiorização e posse [colonial portuguesa]”.

(Rosely Sampaio Archela. “Evolução histórica da cartografia no Brasil”. *Revista Brasileira de Cartografia*. Nº 59/03, dezembro 2007, p. 214).

O trecho acima marca uma mudança essencial na produção cartográfica (de mapas) feita pelos portugueses na passagem dos séculos XVI para o XVII. Nela, os mapas deixaram de servir para

- (A) demarcar tratados como os de Tordesilhas e passaram a demarcar territórios obtidos por meio de ocupação e luta expansionista lusitana, como foi o caso da Amazônia, território roubado pelos lusitanos aos espanhóis e ingleses.
- (B) recuperar rotas de navegação de caminhos lusitanos rumo às índias asiáticas, para se tornarem essenciais para a conquista do litoral brasileiro e sua melhoria na produção de cana-de-açúcar e café.
- (C) delimitar o expansionismo territorial português de conquista mundial presente no século XVI, para representar os pontos de defesa deste território diante da expansão inglesa e norte americana no século XVII.
- (D) instruir sobre rotas de navegação visando ao conhecimento dos mares e do litoral, para desenhar a ocupação territorial mais interiorana diante dos temores lusitanos perante a ampliação territorial de outras nações europeias, como a Espanha, a Inglaterra e a França.
- (E) demarcar os territórios lusitanos navegáveis, para analisar os possíveis territórios a serem ocupados – de forma legal – pelos portugueses em guerra contra grandes nações, como a Inglaterra e a França.

14 Leia atentamente o trecho abaixo e responda à questão proposta sobre a data de 20 de novembro e seu papel no ensino da história.

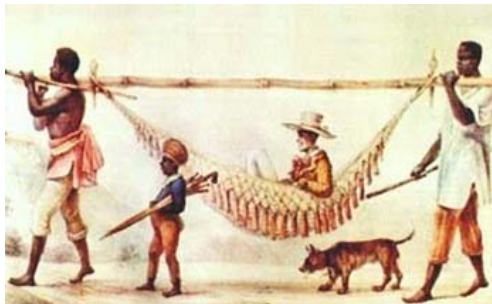
“Dia 20 de novembro, dia da consciência negra, foi instituído oficialmente pelo governo federal em 1995, no contexto das comemorações do tricentenário de morte de Zumbi dos Palmares. Este dia é a síntese e ao mesmo tempo a reflexão e ação, traduzidas como luta e a reafirmação permanente de cidadania. (...) o dia da consciência negra não serve para ações comemorativas laudatórias. O 20 de novembro busca promover ações afirmativas de valorização da população afrodescendente brasileira. (...) No campo educacional [tem-se] promovido ações significativas no sentido de ampliar as possibilidades de acesso da população afrodescendente à instrução pública”.

(Marco Antonio de Oliveira. “20 de novembro (1995). Dia da consciência negra”. In: Circe Bittencourt (org.). *Dicionários das datas da história do Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2007, pp. 271-273).

O texto acima faz uma crítica e uma reflexão sobre o papel das datas comemorativas – e em especial a de 20 de novembro – na vida e nas ações escolares ou educacionais no Brasil contemporâneo. Neste caso específico, comemorar o 20 de novembro servia para promover uma melhoria na instrução pública por meio de ações como

- (A) suspensão das aulas no dia 20 de novembro e promoção na escola, ao longo da semana e do mês da consciência negra, de festas e outras atividades que identifiquem a presença e a contribuição da cultura “negra” dentro da cultura brasileira.
- (B) criação de espaços e diálogos na escola e em especial no dia 20 de novembro onde os afrodescendentes sejam percebidos como cidadãos, valorizando a política afirmativa que amplie as possibilidades de acesso desta população a uma instrução pública gratuita e de qualidade e de superação coletiva do passado escravocrata.
- (C) promoção de ações afirmativas por meio das quais os afrodescendentes se percebam como vítimas de um sistema opressor no passado, que só poderá ser superado por meio de ações e intervenções que invertam o preconceito e preconizem a preponderância da cultura afrodescendente sobre a *pseudo* brasileira.
- (D) criação de atividades que valorizem o potencial físico e esportivo da população afrodescendente, bem como a grandiosidade da culinária dos ex-escravos dentro da cultura brasileira na junção das três raças (branca, negra e indígena), promovendo democracia racial brasileira.
- (E) valorização das leis de cotas raciais nas universidades brasileiras, com campanhas no dia 20 de novembro, cuja finalidade seria a luta por leis punitivas à discriminação dos afrodescendentes no Brasil, com forte pressão aos deputados federais por sua aprovação.

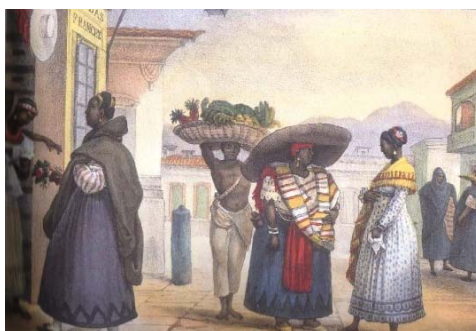
- 15** Observe as três imagens que se seguem e responda à questão proposta sobre o mundo da escravidão de origem africana no Brasil colonial e imperial.



Jean Jacques Debret. Tela "O regresso de um proprietário". *Viagem pitoresca*. Volume 1, São Paulo: Círculo do Livro, 1988, p. 204.



Jean Jacques Debret. Tela "Os refrescos do largo do Palácio". *Viagem pitoresca*. Volume 1, São Paulo: Círculo do Livro, 1988, p. 181.



Jean Jacques Debret. "Negras livres vivendo de suas atividades. Vendedoras de aluá, de manuê e de sonhos". *Viagem pitoresca*. Volume 1, São Paulo: Círculo do Livro, 1988, p. 264.

As três imagens foram retiradas das pinturas feitas por um mesmo pintor, Jean Jacques Debret. Elas representam a forte presença de uma população de africanos e afrodescendentes nas ruas do Rio de Janeiro. De acordo com essas imagens e conforme o que se conhece sobre o mundo da escravidão de origem africana, é correto afirmar que esta população afro-brasileira ocupava-se, na corte carioca, com trabalhos

- (A) escravos, em que se percebe um forte controle e policiamento das autoridades no mundo do trabalho escravo urbano com a presença nas pinturas de autoridades uniformizadas, cães e figuras disfarçadas para o controle bem feito das tarefas dos escravos urbanos.
- (B) escravos e libertos, em que se vê a diversidade de ocupações e de controle do trabalho desta população, que trabalhava por tarefas, mas podia (quando escrava) sofrer castigos senhoriais caso não cumprisse a produção e (quando liberta e escrava) sofrer prisões e castigos das autoridades públicas.
- (C) escravos e libertos, em que se percebe a forte presença de população escrava negra e liberta mestiça e em que os escravos eram mais punidos e censurados e os libertos mestiços eram mais bem tratados, demonstrando uma legítima e eficiente política de branqueamento e democracia racial entre os libertos.
- (D) escravos e libertos divididos em grupos separados. Os escravos trabalhavam mais em tarefas pesadas, como o transporte público dos senhores, e os libertos ficavam com a maioria dos setores de vendas, por onde podiam se sustentar e juntar dinheiro para a compra de alforria de seus irmãos escravizados.
- (E) escravos, que eram divididos entre aqueles que podiam ir e vir, mas que só faziam isso na presença de seus senhores (ver o caso da primeira tela), e aqueles que vendiam os produtos feitos por seus senhores, e que estavam sob a vigilância das autoridades públicas, como a do soldado na segunda tela.

- 16** Observe as duas reproduções de tela abaixo sobre o momento da execução de Tiradentes e responda à questão proposta sobre ele e a memória da Inconfidência Mineira.



Alberto da Veiga Guignard. A execução de Tiradentes. Óleo sobre madeira (1961). Coleção Sergio Fadel | Rio de Janeiro – Brasil. Link. <http://warburg.chaa-unicamp.com.br/obras/view/9235>. Acessado em 01.12.2017.



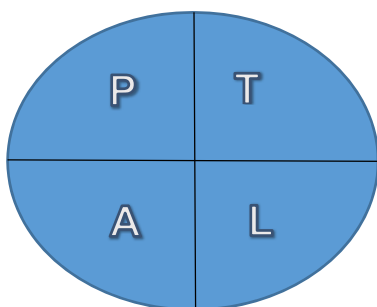
Pedro Américo. Tiradentes esquartejado. 1893. Pinacoteca do Estado de São Paulo. Link <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/11/1544763-pinacoteca-expoe-pintura-historica-de-tiradentes-esquartejado.shtml>. Acessado em 01.12.2017.

Embora as duas telas representem o mesmo Tiradentes e sua execução em 1793, elas o representam de forma muito diferente. Esta mudança pode ser percebida porque na primeira tela Tiradentes se apresenta como o

- (A) centro unificador dos anseios gerais por liberdade da população, com ênfase na luta dos escravos de origem africana; de forma oposta à tela de Pedro Américo, que representava um Tiradentes esquartejado e dividido diante da opressão colonial e imperial no momento da proclamação da República do Brasil (1893).
- (B) ícone aglutinador de todas as forças nacionais do Brasil contra a opressão colonial que assolava a pátria brasileira no passado (1793) e no presente (1961). Já a segunda tela mostra um Tiradentes morto e esquartejado, demonstrando a derrota dos portugueses opressores sobre os colonos e escravos de Minas Gerais.
- (C) centro de todas as atenções entre as autoridades coloniais brancas e afro-brasileiros. Ele se parece com a figura de Jesus Cristo na crucificação, tornando-se o mártir da pátria. Já a segunda imagem constrói um Tiradentes derrotado e esquartejado pela elite inglesa e portuguesa.
- (D) ponto agregador de todas as forças de resistência coloniais (de brancos, indígenas e negros) e que estava sendo morto apenas fisicamente, já que sua luta e espírito resistiria até 1961 (tempo da ditadura). Já a segunda imagem mostra um Tiradentes esfaqueado pelos seus opressores, também martirizado e simbolizado como um exemplo de abnegação pela pátria.
- (E) símbolo agregador de forças sociais (militares mais ao centro da pintura) e do povo, em especial os negros. Já o Tiradentes da segunda imagem demonstra a figura de um mártir esfaqueado e resistente aos pedaços, sugerindo que o caminho da resistência seria a junção metafórica de todas as partes cortadas no passado pela memória do presente.

GEOGRAFIA

- 17** Observe a figura e a citação seguintes, extraídas do artigo “O espaço geográfico uno e múltiplo: conceitos e categorias”, de Dirce Suertegaray.



P: paisagem
T: território
L: Lugar
A: Ambiente

“Podemos pensar o espaço geográfico como um todo uno e múltiplo, aberto a múltiplas conexões”.

Fonte: SUERTEGARAY, Dirce. Espaço geográfico uno e múltiplo. In: SUERTEGARAY, D. BASSO, L.A. VERDUM, R. (Orgs). Ambiente e Lugar no Urbano: A Grande Porto Alegre. Ed. Universidade/UFRGS, 2000, pág. 31.

Extraída do texto de Suertegaray, a relação entre a imagem apresentada e o espaço geográfico pode ser interpretada como

- (A) possibilidades de diferentes leituras da realidade.
- (B) setorização de categorias desarticuladas e estanques.
- (C) afirmação de uma concepção determinista do espaço.
- (D) alternativas metodológicas empregadas nos estudos urbanos, rompendo a eterna questão dicotômica.
- (E) hierarquização entre os novos e antigos conceitos já abandonados pelos pesquisadores.

- 18** Leia o texto.

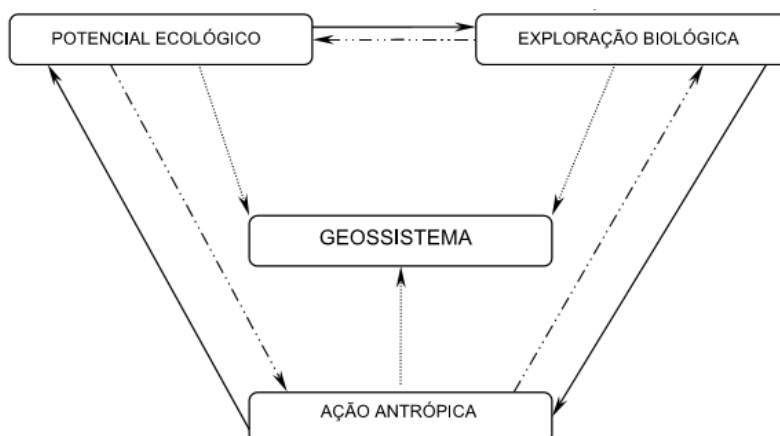
O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá.

Fonte: SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo, Hucitec, 1996. pág. 51.

No contexto apresentado, a análise sobre os objetos técnicos presentes no espaço geográfico demonstra, em relação a este, que sua

- (A) origem data do final do século XX, a partir da revolução cibernética do mundo moderno.
- (B) constituição é cada vez menos artificializada, uma vez que predomina a ideia do retorno à natureza.
- (C) evidência está mais relacionada ao mundo selvagem que ao espaço urbano.
- (D) existência está relacionada às grandes obras de construção, como hidrelétricas e estradas.
- (E) construção está baseada no trabalho, sendo portanto uma elaboração social.

19 Observe o esquema.

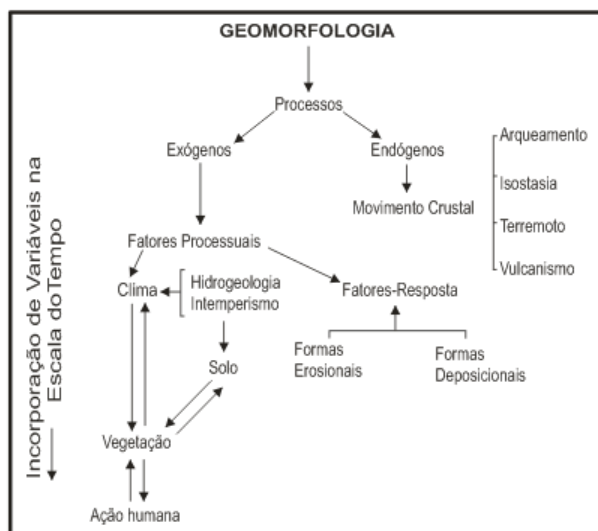


Fonte: Bertrand, George. Geografia Física Global: esboço metodológico. R. RA'E GA, Curitiba, n. 8, pág. 141-152, 2004.

Na interpretação da figura apresentada por Bertrand, o geossistema é compreendido conceitualmente como resultado da

- (A) relação entre elementos abióticos, bióticos, influenciados pelas atividades humanas.
- (B) adequação do uso dos recursos naturais à exploração contínua da mineração.
- (C) configuração de formas de paisagens originadas no passado mais recente da história do planeta.
- (D) conservação dos padrões ecológicos pelos projetos de desenvolvimento sustentável.
- (E) adjetivação designada aos espaços naturais livres das intervenções da modernidade.

20 Observe o quadro.



Fonte: CASSETTI, Walter. Geomorfologia. <http://www.funape.org.br/geomorfologia/cap2/index.php#titulo2>.

Acesso em 22 de novembro de 2017.

O esquema sinótico apresentado por Cassetti trata da gênese e dinâmica geomorfológica. Sobre isso, é correto afirmar que

- (A) o relevo é caracterizado, de modo geral, por superfícies aplainadas, resultado de dissecação, promovida por processos endógenos, podendo apresentar-se numa área restrita ou de grande extensão.
- (B) a heterogeneidade de formas de relevo se explica pela diferenciação estrutural e pela influência dos domínios morfoclimáticos.
- (C) a morfologia atual, indicada pelas formas de relevo, permite a reconstituição de sua história, mostrando que sua estrutura é decorrente da atuação extrema das flutuações climáticas.
- (D) as superfícies erosivas são respostas do movimento de arqueamento das formas, induzido pela pressão interna sobre o material rochoso.
- (E) os efeitos da ação humana são responsáveis pelos processos paleoclimáticos que deram origem à compartimentação topográfica atual.



21 Leia o texto.

O processo de urbanização é uma das principais interferências da mudança na natureza da superfície do solo e nas propriedades atmosféricas presentes na Camada Limite Urbana (UCL). Essa transformação resulta em mudanças dos ventos regionais, na geometria da radiação solar e da insolação e emissão de poluentes, propiciando as temperaturas mais elevadas nas zonas urbanas consolidadas em comparação com as zonas periféricas ou rurais.

Fonte: LOMBARDO, Magda. Adelaide. Análise das Mudanças Climáticas nas Metrópoles: O Exemplo de São Paulo e Lisboa. Cortez, etc., and Ortigoza, sag., orgs. Da produção ao consumo: impactos socioambientais no espaço urbano [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. Pág. 119.

O fenômeno clima urbano apontado no texto é

- (A) contaminado pelos gases da estratosfera que interagem com os aspectos locais da atmosfera, interferindo nos usos do espaço urbano.
- (B) influenciado pelo efeito estufa devido às emissões antrópicas de CH₄ e N₂O provenientes das atividades da agricultura e pecuária.
- (C) intensificado pela rugosidade nas áreas urbanas que leva à diminuição da velocidade média do vento regional.
- (D) responsável pelo aquecimento do planeta, uma vez que as cidades cobrem a maior parte de suas terras emersas.
- (E) acentuado pela concentração de carbono emitido durante o processo de respiração da vegetação arbórea presente em praças e parques urbanos.

22 Leia o texto.

Atualmente, a Cartografia como um todo entra na era da informática. Com o auxílio de satélites e computadores, a Cartografia Temática torna-se um verdadeiro Sistema de Informação Geográfica, visando a coleta, armazenamento, recuperação, análise e apresentação de informações sobre lugares, ao longo do tempo, além de proporcionar simulações de eventos e situações complexas da realidade, tendo em vista a tomada de decisões deliberadas.

Fonte: MARTINELLI, Marcelo - Cartografia Temática: caderno de mapas. São Paulo: Edusp, 2003, pág. 16.

A análise do atual contexto em que se desenvolve a cartografia temática revela que

- (A) a tecnologia dos Sistemas de Informações Geográficas é utilizada apenas para limitar o mapa à sua finalidade principal, que é a localização dos fenômenos.
- (B) o método de representação quantitativa é utilizado para construção dos mapas temáticos, cujo objetivo é ordenar a diversidade de informações.
- (C) o mapa temático torna dispensável o mapa-base, visto que as coordenadas geográficas, escala e orientação são informações secundárias no novo modelo.
- (D) a grande oferta de dados disponíveis para a construção dos mapas é incompatível com a capacidade de armazenamento destes, o que se torna um problema na execução do produto cartográfico.
- (E) os mapas temáticos podem ser construídos levando em conta vários métodos, como para representações qualitativas, ordenadas, quantitativas e dinâmicas, de acordo com as características e forma de manifestação dos fenômenos.



23 Leia o texto.

Antes de as estradas chegarem ao interior da Amazônia no início dos anos 1970, grandes áreas de terra foram concedidas a longo prazo como concessões (aforamentos) para colheita de produtos como seringa (*Hevea brasiliensis*) ou castanha-do-pará (*Bertholletia excelsa*). A terra muitas vezes foi conseguida por “grileiros” com documentos falsificados, em combinação com subornos, ameaças e violência, para obter áreas ilicitamente. Estas irregularidades são facilitadas pelo sistema bizantino brasileiro de inscrição de títulos da terra, onde diferentes cartórios podem arquivar uma variedade de documentos, que datam de períodos históricos diferentes.

Fonte: FEARNside, Philip. Questões de posse da terra como fatores na destruição ambiental na Amazônia brasileira: o caso do sul do Pará. 2001. Disponível em: <http://philip.inpa.gov.br>. Acesso em 18 de novembro de 2017. Adaptado.

Ao tratar do processo de ocupação do território da Amazônia, o autor justifica o problema da questão fundiária pela

- (A) disputa de interesses econômicos associada à fragilidade do sistema de registro de imóveis rurais que contribuíram para os conflitos agrários.
- (B) ausência de tecnologia de precisão com capacidade para o cadastramento dos títulos de terra, o que promoveu o abandono de uma região de dimensão continental.
- (C) dificuldade de acesso à área de floresta densa, o que impediu os levantamentos detalhados dos lotes para seu mapeamento e regularização das terras.
- (D) concentração de terras em poder das populações extrativistas que não permitiam nenhum outro tipo de uso da terra.
- (E) criação de unidades de conservação de proteção integral de propriedade particular, o que retirou as comunidades locais dos seus territórios.

24 Leia o texto.

A Região Hidrográfica do Tocantins e Araguaia é a mais extensa em área de drenagem totalmente contida em território brasileiro e palco de dinâmico processo de desenvolvimento socioeconômico que deverá se intensificar nas próximas décadas em função das demandas nacional e internacional por *commodities*. Por seu caráter estratégico para o país, as potencialidades hídrica, agropecuária, mineral, para navegação e geração de energia serão cada vez mais demandadas.

Fonte: Brasil-Agência Nacional de Águas (Brasil). Plano estratégico de recursos hídricos da bacia hidrográfica dos rios Tocantins e Araguaia: relatório síntese / Agência Nacional de Águas. Brasília: ANA; SPR, 2009.

O trecho amazônico da referida bacia é destacado por

- (A) apresentar maior área de extensão e vazão de água, superando as demais áreas de drenagem do país.
- (B) abrigar províncias minerais como Carajás (PA), que detém os maiores depósitos de ferro do mundo e que é conectada ao Porto de Itaqui (MA) pela Ferrovia Carajás.
- (C) predominar como perfil econômico a monocultura da soja e a pecuária, sendo a água da bacia destinada ao abastecimento dessas atividades.
- (D) apresentar a segunda área mais populosa do país com alta densidade demográfica e, consequentemente, elevada demanda hídrica.
- (E) nele se investir em saneamento para o crescimento sustentável das cidades sem comprometer os recursos hídricos e a saúde da população.

FILOSOFIA

25 Hume, em sua obra *Investigações sobre o entendimento humano*, ao analisar os objetos da razão humana divide-os em dois tipos: relações de ideias e questões de fato. Sobre estas últimas (as questões de fato) é correto afirmar que

- (A) trata-se de toda afirmação que é intuitiva ou demonstrativamente certa.
- (B) são juízos analíticos, por isso só podem ser conhecidas por meio da experiência.
- (C) dizem respeito a evidências que não nos dão garantia quanto à existência efetiva das coisas.
- (D) o contrário de toda questão de fato permanece sempre possível, porque não pode jamais implicar contradição.
- (E) trata-se de enunciados *a priori* que são confirmados pela experiência.



- 26** Na obra *Tractatus*, Wittgenstein desenvolveu uma sofisticada teoria acerca da relação entre linguagem e mundo, que sintetizou e modificou as visões de Frege e Russell. De acordo com essa teoria, é correto afirmar que
- (A) as sentenças e nomes têm tanto sentido quanto valor semântico.
 - (B) somente as proposições têm sentido e é somente em conexão com uma proposição que um nome tem significado.
 - (C) o significado de um enunciado consiste no seu método de verificação.
 - (D) as expressões conceituais têm sentido e referência.
 - (E) os nomes isoladamente têm significado por apontarem para objetos com os quais nós temos direta familiaridade.

- 27** “A questão de saber se as inferências indutivas se justificam e em condições é conhecida como o *problema da indução*”

(POPPER, *A Lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Cultrix, 1972, p. 28).

Para Popper, a indução se constitui em um problema porque

- (A) a tarefa de induzir alguém a aceitar algo não é fácil, na medida em que envolve a persuasão e certas condições psicológicas.
- (B) não é possível se fazer previsões com base nas leis universais obtidas indutivamente.
- (C) requer um número muito grande de observações para justificar a conclusão universal.
- (D) as inferências indutivas partem de certas hipóteses universais, que são válidas *a priori*, e não dos próprios fatos dados à observação.
- (E) não há justificativa lógica no inferir enunciados universais de enunciados singulares.

- 28** “Em termos filosóficos modernos, fala-se que Maquiavel teria sido o descobridor da política como categoria independente, distinta da moral e da religião, o divulgador da autonomia da política, da política não como moral nem como imoral, mas como amoral. De qualquer maneira é certo que Maquiavel nos ensinou a julgar as ações do príncipe segundo a vantagem que oferece para o Estado, e não segundo seu valor moral”.

(BOBIO, N. *Direito e estado no pensamento de Emanuel Kant*. São Paulo: Mandarin, 2000, p. 21/22).

Para o autor, a política em Maquiavel seria amoral porque

- I independe da moral, pois o que interessa ao político não é saber se a ação é moralmente boa ou má, mas sim se está em conformidade aos fins da conquista e da manutenção do Estado.
- II está acima da moral na medida em que a ação política visa não ao bem individual, mas sim ao bem coletivo.
- III a esfera da política é autônoma com respeito à esfera da moral e a ação do estadista não pode ser julgada com base nas normas que regem esta última e com as quais se julga a ação do homem comum.
- IV a ação do príncipe é norteadada não por uma moral, mas sim por um poder superior, por isso é louvável que ele mantenha a fé e viva com integridade e não com astúcia.

Estão corretos os enunciados

- (A) I e II, somente.
- (B) I e III, somente.
- (C) III e IV, somente.
- (D) I, II e III, somente.
- (E) II, III e IV, somente.



- 29** “Se, com efeito, a existência precede a essência, não será nunca possível referir uma explicação a uma natureza dada e imutável; por outras palavras, não há determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade. (...) Assim, não temos nem atrás de nós, nem diante de nós, no domínio luminoso dos valores, justificações ou desculpas. Estamos sós e sem desculpas. É o que traduzirei dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado porque não se criou a si próprio; e, no entanto, livre porque, uma vez lançado ao mundo, é responsável por tudo quanto fizer.”

(SARTRE, J. P. *O existencialismo é um humanismo*. São Paulo: Abril cultural, 1978, p. 9).

Sobre a liberdade, para Sartre, considere os enunciados abaixo.

- I Esta não provém de uma escolha voluntária e sim do desenvolvimento espontâneo da natureza racional do agente.
- II Trata-se de uma liberdade absoluta e a responsabilidade que, consequentemente, ele atribui ao homem é total.
- III Ela não é o arbítrio ou o capricho momentâneo do indivíduo, pois radica na mais íntima estrutura da existência, nesse sentido se identifica com a própria existência.
- IV Opõe-se ao determinismo, na medida em que é o próprio homem que constrói os valores que irão orientar suas escolhas.

Estão corretos os enunciados

- (A) I e II, somente.
- (B) I e III, somente.
- (C) II e IV, somente.
- (D) I, II e III, somente.
- (E) II, III e IV, somente.

- 30** “É possível que as premissas responsáveis pela produção do silogismo sejam ambas verdadeiras, ou ambas falsas, ou uma verdadeira e a outra falsa. A conclusão, entretanto, é necessariamente verdadeira ou falsa. Ora, é impossível se tirar uma conclusão falsa de premissas verdadeiras, mas é possível tirar uma conclusão verdadeira de premissas falsas.”

(Aristóteles, *Órganon*. Bauru/São Paulo: Edipro, 2005, p. 200/2001).

Com base nessas considerações de Aristóteles acerca da validade de um argumento silogístico, analise o seguinte argumento.

- 1. Todo artista é um ser criativo
- 2. Botero é um artista
- Logo, Botero é um ser criativo.

Se admitir-se que as premissas 1 e 2 são verdadeiras, é correto afirmar acerca da conclusão que

- (A) é necessariamente verdadeira.
- (B) é provavelmente verdadeira.
- (C) é possível que seja falsa.
- (D) não é possível se determinar o seu valor de verdade.
- (E) é necessariamente verdadeira ou falsa.

- 31** “As ciências hermenêuticas estão embutidas nas interações mediatizadas pela linguagem ordinária, da mesma maneira como as ciências empírico-analíticas estão inseridas no setor da atividade instrumental. Tanto uma quanto outra deixam-se orientar por interesses cognitivos, enraizados nas conexões vitais do agir, próprio à comunicação e à instrumentalização”

(HABERMAS, J. *Conhecimento e interesse*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1982, p. 186).

Sobre o interesse cognitivo que orienta as ciências histórico-hermenêuticas, é correto afirmar que

- (A) visa à emancipação dos seres humanos de qualquer sistema de dominação.
- (B) está relacionado à previsão e ao controle dos acontecimentos.
- (C) é de natureza prática e visa à compreensão ou interpretação do sentido.
- (D) tem um valor técnico, na medida em que a técnica atua como guia central da valorização da informação produzida.
- (E) tem caráter ideológico, pois as ciências do homem são condicionadas pelo ponto de vista de classe.



- 32** “O valor moral da ação não reside, portanto, no efeito que dela se espera; também não reside em qualquer princípio da ação que precise de pedir o seu móbil a este efeito esperado. Pois todos esses efeitos (...) podiam também ser alcançados por outras causas, e não se precisava portanto para tal da vontade de um ser racional, na qual vontade - e só nela - se pode encontrar o bem supremo e incondicionado”

(KANT, I. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. São Paulo: Abril cultural, 1980, p. 115).

Sobre o valor moral da ação, para Kant, é correto afirmar que

- (A) depende de certas inclinações e do interesse da pessoa de querer praticar o bem.
- (B) o fim pretendido com a ação deve ser subjetivo, ou seja, o bem do indivíduo.
- (C) encontra-se no próprio ser racional que age segundo a lei que lhe ordena incondicionalmente o cumprimento do dever.
- (D) tal valor está em promover a própria felicidade ou o bem-estar dos outros.
- (E) a ação é moralmente boa quando praticada conforme o dever.

SOCIOLOGIA

- 33** A sociologia surgiu no século XIX como produto de uma nova matriz de pensamento filosófico, criado pela sociedade burguesa. Esta nova episteme se distancia fundamentalmente das bases teológicas e coloca a ciência no centro da compreensão do mundo moderno. Assinale a afirmativa que indica o nome do movimento científico e filosófico que contribuiu para o surgimento da sociologia como ciência.

- (A) Renascimento, que colocou o homem no centro da explicação social, sem, todavia, cortar laços com o calvinismo, e definiu as bases necessárias ao surgimento da sociologia.
- (B) Difusionismo, que defendia a tese segundo a qual a humanidade se irradiou a partir da Europa. Com isso, as estruturas de pensamento humano são semelhantes às das sociedades de origem, diferindo apenas os graus de evolução entre elas.
- (C) Holismo, que prioriza o entendimento integral dos fenômenos, postura central na compreensão das questões sociais ao longo da história dessa ciência.
- (D) Positivismo, movimento intelectual do XIX, que se caracterizou pela preponderância do pensamento científico e marcou a ciência moderna, em especial, a sociologia.
- (E) Mercantilismo, forma de produção econômica que caracterizou a sociedade do XVIII e trouxe consigo desenvolvimento econômico, mas também situação de miséria e sofrimento à população europeia, o que impulsionou fundamentalmente o surgimento da sociologia.

- 34** Leia o texto abaixo, que caracteriza o pensamento de um dos clássicos da Sociologia.

“O trabalhador é tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais cresce sua produção em potência e em volume. O trabalhador converte-se numa mercadoria tanto mais barata quanto mais mercadorias produz. A desvalorização do mundo humano cresce na razão direta da valorização do mundo das coisas. O trabalho não apenas produz mercadorias, produz também a si mesmo e ao operário como mercadoria, e justamente na proporção em que produz mercadorias em geral”.

O trecho se refere ao pensamento de

- (A) Émile Durkheim, sobretudo quando analisa a divisão social do trabalho na sociedade moderna.
- (B) Max Weber ao abordar, na obra “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, a questão do trabalho realizado pelos calvinistas.
- (C) Auguste Comte, em “Discurso sobre o Espírito Positivo”, ao relatar a importância do trabalho como elemento central para o aprimoramento da sociedade moderna capitalista.
- (D) Georg Wilhelm Friedrich Hegel, na obra a “Fenomenologia do Espírito”, quando analisa o capitalismo e seus efeitos na vida moderna.
- (E) Karl Marx, na obra “O Capital”, quando mostra a situação à qual estão submetidos os trabalhadores após o surgimento do modo de produção capitalista.



- 35** Para um dos fundadores da sociologia, a sociedade moderna está assentada num processo contínuo de racionalização que atravessa todos os campos da vida social, desde a religião até a vida íntima dos sujeitos na sociedade capitalista. O pensador que tem como projeto compreender este processo e suas inúmeras consequências na vida moderna é
- (A) Theodor Adorno.
 - (B) Émile Durkheim.
 - (C) Max Weber.
 - (D) Clifford Geertz.
 - (E) Karl Marx.
- 36** Sobre a antropologia, é correto afirmar:
- (A) É uma ciência que em nada se diferencia da sociologia, uma vez que tem por objetivo compreender as sociedades urbanas e industriais, já que os povos primitivos foram totalmente integrados à cultura ocidental capitalista.
 - (B) É uma ciência que parte da perspectiva de que todos os povos passam pelas três etapas de evolução: selvageria, barbárie e civilização. Os antropólogos têm feito grandes esforços para que povos primitivos, como os índios, saiam da primitividade e cheguem à civilização.
 - (C) Tem como tema central de análise a alteridade. Os antropólogos fazem isso registrando as diferenças culturais com base em pesquisa de campo por longos períodos, sem causar alteração no modo de vida nativo.
 - (D) Sempre teve grande compromisso com os povos com os quais realiza pesquisa. São vários os registros etnográficos que evidenciam as lutas dos antropólogos pelos direitos das populações primitivas, desde o século XVIII.
 - (E) Foi uma ciência a serviço da dominação colonial. Ela foi usada para que os impérios coloniais pudessem conhecer profundamente as culturas dos povos africanos, asiáticos e americanos e assim dominá-los e extrair suas riquezas.
- 37** “Embora a terra e todos os seus frutos sejam propriedade comum a todos os homens, cada homem tem uma propriedade particular em sua própria pessoa; a esta ninguém tem qualquer direito senão ele mesmo. O trabalho de seus braços e a obra de suas mãos, pode-se afirmar, são propriamente dele. Seja o que for que ele retire da natureza no estado em que lho forneceu e no qual o deixou, mistura-se e se superpõe ao próprio trabalho, acrescentando-lhe algo que pertence ao homem e, por isso mesmo, tornando-o propriedade dele”.
- Esse trecho está na obra “Segundo tratado sobre o governo”, do filósofo inglês, contratualista e pensador
- (A) John Locke.
 - (B) Thomas Hobbes.
 - (C) Jean-Jacques Rousseau.
 - (D) Karl Marx.
 - (E) Friedrich Engels.
- 38** A maneira como um antropólogo pensa a produção do conhecimento o vincula a uma das escolas antropológicas. Tais escolas possuem características teóricas e metodológicas específicas dadas pela forma como compreendem a sociedade. Assinale a afirmativa que relaciona o autor à escola à qual pertence.
- (A) Bronisław Malinowski – funcionalismo.
 - (B) Claude Lévi-Strauss – difusionismo.
 - (C) Clifford Geertz – materialismo.
 - (D) Alfred Radcliffe-Brown – culturalismo.
 - (E) Edmundo Leach – interpretativismo.



- 39** A sociologia brasileira surgiu vinculada aos problemas nacionais. As pesquisas não se caracterizaram apenas pela compreensão dos fenômenos, mas também pelo desejo do pesquisador em interferir na realidade social. É diante desse ponto de vista que os estudos sobre as populações indígenas e negras assumiram no passado, e, ainda hoje, relevância central. Assinale a afirmativa que apresenta o nome de um cientista social e suas respectivas contribuições à compreensão da sociedade brasileira.
- (A) Fernando Henrique Cardoso, sociólogo e ex-presidente do Brasil, foi quem mais contribuiu para a análise e compreensão das relações raciais. Isso foi possível porque, como presidente, pôde criar políticas públicas que mudaram totalmente as condições de vida dos descendentes de escravos no país.
 - (B) Florestan Fernandes foi um dos maiores sociólogos brasileiros. Ele imprimiu uma nova visão a respeito das relações raciais, com base em seus estudos sobre a situação do negro. Os resultados de suas pesquisas permitiram que ele contestasse a ideia de democracia racial criada por Gilberto Freyre.
 - (C) Otávio Guilherme Velho, cientista social, estudou o campesinato brasileiro. Seus estudos permitiram que, indiretamente, se compreendesse a situação dos grupos negros rurais e urbanos no Brasil.
 - (D) Ruth Cardoso, esposa de Fernando Henrique Cardoso. Com seus estudos, em parceria com Fernando Henrique Cardoso, redefiniu a agenda da pesquisa social brasileira, tendo por tema central as relações raciais.
 - (E) Eduardo Viveiro de Castro é o maior cientista social na atualidade. Suas pesquisas sobre a situação do negro têm revolucionado a compreensão das comunidades quilombolas no país.
- 40** No Brasil, grande parte da população acredita na existência da democracia racial, mas os indicadores divulgados pelos órgãos de pesquisa nacionais evidenciam que as desigualdades atingem, sobretudo, as populações negras e pardas. Isso se expressa no baixo índice daqueles que acessam a educação superior, no número reduzido dos ocupantes de cargos de chefia nas grandes empresas e também no baixo número de sujeitos em cargos eletivos na política nacional. Uma explicação possível para este fato é:
- (A) Os negros são menos aguerridos em seus projetos pessoais que as outras populações, daí não terem ascensão social.
 - (B) Os negros ainda guardam mágoas do período da escravidão, por isso a posição que ocupam é, em parte, uma forma de protestar contra o mal que sofreram no período colonial.
 - (C) Os negros são alvo de discriminações históricas, dadas pelo passado de escravidão a que foram submetidos. Isso é uma barreira invisível difícil de ser transposta, impedindo com que muitos deles tenham ascensão social nas mesmas condições das populações de origem europeia.
 - (D) A sociedade atual tem criado oportunidades para os negros, mas estes, pela sua forma de vida e cultura, não se adequam à sociedade competitiva criada pelo capitalismo moderno.
 - (E) As pesquisas científicas têm mostrado nos últimos anos que a população descendente de europeus tem a mesma constituição física dos descendentes de africanos, mas as diferenças intelectuais entre esses grupos são marcantes. É daí decorre a maior possibilidade de ascensão social de uns em relação aos outros.